

**VI Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na
Educação Básica**

Ensino de Sociologia como Conquista: Dez Anos de Resistências

6 a 8 de julho de 2019

Florianópolis - SC
UFSC

GT01 - Culturas Juvenis na Escola

**Juventudes, Escolarização e Ensino de Sociologia: desigualdades e
diversidades**

Angélica Lyra de Araújo – UEL/PR

Maria Valéria Barbosa – UNESP/SP

Ângela Maria de Sousa Lima – UEL/PR

Juventudes, Escolarização e Ensino de Sociologia: desigualdades e diversidades

Angélica Lyra de Araújo – UEL/PR

Maria Valéria Barbosa – UNESP/SP

Ângela Maria de Sousa Lima – UEL/PR

GT01 - Culturas Juvenis na Escola

Introdução

“Será que ninguém vê
O caos em que vivemos?
Os jovens são tão jovens
E fica tudo por isso mesmo
A juventude é rica, a juventude é pobre
A juventude sofre e ninguém parece perceber [...]

(Renato Russo, Aloha, 1996)

É com um trecho da música Aloha, de Renato Russo como uma epígrafe que inicia essa reflexão, destacando a relevância dos estudos sobre juventudes no Ensino Médio e sua interferência no processo de ensino-aprendizagem, priorizando resultados de investigações sociológicas e de experiências pedagógicas que apresentem as caracterizações socioculturais e políticas dos jovens, entendidos em suas pluralidades, em contextos de desigualdade e na relação de ser aluno e jovem.

Por isso, almeja-se problematizar os múltiplos olhares acerca da relação entre as culturas juvenis e o ensino de Sociologia. Nota-se que a caracterização sociocultural dos jovens, suas pluralidades, identidades e diversidades nos vários contextos de desigualdades, sobretudo, na escola conduz às diferentes leituras e interpretações das realidades educacionais.

Juventude: uma construção social

Os jovens estão inseridos num contexto brasileiro marcado por enormes disparidades de renda, de riqueza, de cultura, de poder político e de acesso à tecnologia¹. Kerbauy (2005), afirma:

O senso comum, no entanto, continua representando a juventude de modo negativo, por meio de estigmas e estereótipos. A depender do contexto sócio-político e econômico do qual se originam, os jovens são considerados perigosos, marginais, alienados, irresponsáveis, desinteressados ou desmotivados, e cada vez mais relacionados à violência e aos desvios de conduta (os meninos de rua, os arrastões, o *surf* ferroviário, as gangues, as galeras e os atos de vandalismos) (p.201).

O ambiente escolar é um dos espaços que os jovens tendem a se interagir e agrupar partilhando expectativas, histórias, descobertas, conflitos e desafios. Por isso ela é compreendida como um espaço sociocultural, dinâmico e polissêmico. São muitas identidades construídas pelos jovens, que já trazem suas próprias características e especificidades para o ambiente escolar.

Mas afinal, quem são os jovens? A escola influencia na formação dos jovens? Existem culturas juvenis presentes na escola?

Encontra-se na literatura desde a antiguidade referências sobre os jovens, suas diferenças, seus estilos próprios de vida e conflitos com os adultos. A existência de grupos juvenis pode ser encontrada desde a cultura greco-romana, com a formação de associações juvenis, onde ocorria atividades sociais, culturais e desportivas, que servia tanto para a estabelecer laços de solidariedade entre os jovens, preparando-os para a vida pública.

Foi mais precisamente no século XVIII na Europa com a sistematização escolar que foi criado uma faixa etária entre crianças e adultos, impulsionando a definição da juventude com suas próprias singularidades. Na medida em que os jovens foram sendo reconhecidos com um estrato social, passou a seu objeto de estudo tanto na área de Sociologia, da Antropologia como na Psicologia Social.

A Escola de Chicago, corrente da sociologia funcionalista norte-americana, em 1940 apresentou um estudo sobre a relação dos jovens com a

¹ Esse debate está presente nos trabalhos de que compõem os livros: Retratos da Juventude Brasileira, Instituto Cidadania, Fundação Perseu Abramo (2005); Juventude e Sociedade, Instituto Cidadania, Fundação Perseu Abramo (2004) e a Revista de Sociologia da USP, Tempo Social, v. 17 (2005).

marginalidade e a delinquência. Segundo Schmidt (2001), a partir desses estudos, “a delinquência juvenil foi entendida como um defeito no processo de socialização, uma disfunção no sistema social, a ser corrigida por medidas sóciopolíticas corretivas”. (2001, p.180).

Neste primeiro momento, a juventude aparece com um fator de instabilidade social, ou seja, “o jovem é aquele que se integra mal, que resiste à ação socializadora, que se desvia do padrão” (ABRAMO, 1997, p.05). Mas, foi somente após a Segunda Guerra Mundial, com as ações políticas nos anos 60 que houve mudanças significativas na compreensão dos jovens. Ele passa a ser compreendido como primeiro sendo uma fase de passagem no ciclo da vida, em segundo uma predisposição natural para a rebeldia e por fim como aquela que constitui um estilo próprio de existência e de realização do destino pessoal (FORACCHI, 1972, p. 302-4).

Na primeira visão, referimo-nos à questão da juventude como um ciclo natural e universal da vida. Identificamos em todas as sociedades de forma bem demarcadas as etapas da vida: como infância, adolescência, juventude, maturidade, ou seja,

[...] Período do ciclo da vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos, e durante o qual se produzem mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais que se realizam em condições diferenciadas, segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e o gênero, bem como segundo outras referências objetiva e subjetivamente relevantes para aqueles que as vivenciam (CASTRO E ABRAMOVAY, 2005 p. 42).

Entretanto, sabemos que a ideia de etapas de vida é um processo histórico, ou seja, existem diferenças entre os jovens que são contemporâneos e vivem em uma mesma sociedade.

Para Venturi (2000), quando consideramos a juventude como passagem de uma das etapas da vida, partimos do pressuposto de que se trata de “um período de transformações e, por isso, de buscas e definições de identidade, de valores e ideias, de modos de se comportar e agir” (2000, p. 1).

Com efeito, a percepção da juventude passa por um momento de instabilidade, ora intensa e arrojada, ora por turbulência e descaminhos, é uma “etapa que antecede a maturidade, fase dramática da revelação do eu, essencial

para a formação da pessoa, a juventude corresponderia a um momento definitivo de descoberta da vida e da história” (AUGUSTO, 2005, p. 5).

Nesse sentido, essa preparação para a vida futura supõe uma suspensão ou retardamento da entrada em vários âmbitos e funções da vida social, como, por exemplo, o trabalho, as obrigações e compromissos familiares, econômicos e civis. Por isso, dentro dessa visão, durante muito tempo só foram considerados efetivamente jovens, sob condição social, aqueles que podiam viver tal suspensão, proteção e preparação. E não foi difícil, portanto, identificar tal conceito de juventude com os jovens das classes médias e altas, caracterizados principalmente por sua condição de estudante. Isso se explica na medida em que a figura juvenil era por excelência o estudante. Enquanto isso, os jovens das classes populares se caracterizam por terem de trabalhar, interrompendo os estudos muito cedo, ou, muitas vezes, nem sequer ter acesso a eles. Essa parcela da juventude ficava excluída dessa construção, como se vivessem à juventude em negativo, isto é, não fossem, de fato, jovens.

Há, portanto, diferenças muito importantes em consequência do pertencimento a classes sociais distintas, das relações de gênero, de estilos de vida, de local em que se habita, e outras diferenças tantas que nos levam a pensar até que a ideia de juventude, nesse viés, corre o risco de se tornar um conceito vazio.

Lembremos também que as trajetórias possíveis para os jovens são estabelecidas socialmente, por isso, que a juventude “[...] representa, histórica e socialmente, uma categoria social gerada pelas tensões inerentes à crise do sistema. Sociologicamente, ela representa um modo de realização da pessoa, um projeto de criação institucional, uma alternativa não de existência social” (FORACCHI, 1965 p. 160).

A mesma sociedade pode produzir tipos de jovens bastante diversos, pois, originados de diferentes estratos sociais, inserindo-se em posições distintas e apropriando-se de hábitos e valores específicos de acordo com essa inserção, as "maneiras de ser" que lhes são impostas – ou que têm possibilidade de constituir – não são as mesmas para todos. Na distribuição diferencial que forçosamente ocorre, uns são mais privilegiados do que outros.

Desse modo, fica claro que a juventude não é una, e que a diferenciação social e a diversidade econômica têm peso importante na configuração das distintas "maneiras de ser" impostas aos jovens.

Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturas (etnias, identidades religiosas e valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos. Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social (DAYRELL, 2003, p. 40).

Na segunda visão a juventude é vista como rebelde e revolucionária, o jovem é aquele que, cronologicamente, está mais longe da morte e tem mais predisposição à vida, tem certo gosto pela aventura e maior curiosidade pelo novo. Ora, se assim for, poderíamos dizer que existe um lado mais propenso ao revolucionário. Também, se olharmos os aspectos históricos e temporais das sociedades, perceberemos que existem várias juventudes que convivem num mesmo espaço e tempo, ou seja, "ainda que não haja apenas uma juventude, mas várias, a ideia da juventude relaciona-se às transformações, ela representa o futuro em uma perspectiva de formação de valores e atitudes das novas gerações" (SPOSITO; CARRANO, 2003, p. 17).

De acordo com Foracchi (1965), é também identificada como força dinamizadora da vida social, atuante em sua transformação, para a qual se une a outras forças operantes na sociedade. De um lado, sua busca por uma sociedade mais justa leva-a a emergir como porta-voz dos desfavorecidos, revelando as formas de opressão existentes; de outro, sua flexibilidade permite-lhe experimentar novas alternativas e se adaptar com relativa facilidade a modos de conduta e padrões de vida anteriormente desconhecidos. Entretanto, as mesmas características que fazem o jovem ser percebido como forjador do futuro podem, igualmente, aparecer com cores negativas. Ou melhor, há sempre "outro lado", outra maneira de avaliar, a partir da qual suas qualidades são julgadas de forma ambivalente: o jovem é sério, mas imaturo; é audacioso, mas inexperiente; impulsivo, mas indeciso. Isso faz com que suas manifestações com frequência sejam vistas somente como manifestações de espíritos rebeldes, avessos à ordem e propícios a promover distúrbios e atitudes inconseqüentes.

Trata-se de uma visão já encontrada no século XVIII, nos primórdios da Revolução Francesa. Ela seria renovada e se consolidou nos anos 60 do século passado, com a mobilização juvenil, de dimensão internacional, em questionamento a padrões culturais e comportamentais da sociedade capitalista. Esse processo se deu, de modo especial, através da imagem do hippie em comunidades alternativas ou ainda de estudantes em passeata pelas ruas das grandes cidades.

Assim sendo, o termo juventude por si só não designa uma problemática comum a todos que se encontram com a mesma idade biológica. É o lugar social que os jovens ocupam na sociedade que influi no modo como a idade é tomada para definir como essa faixa etária é ou não definida como jovens. Há sempre interesses econômicos e políticos na delimitação das etapas da juventude.

De fato, essas duas concepções apresentadas anteriormente, ou seja, da juventude como fase de transição para vida adulta e como fase de rebeldia revolucionária, vistas em separado ou tomadas como complementares, são, segundo Venturi (2000), insuficientes para se fazer qualquer análise ou caracterizar os jovens na atualidade brasileira. Deparamos com jovens que não têm condições de se ver livre de obrigações e compromissos de ordem econômica e familiar. Muitos estão longe de ter sua vida centrada no estudo e de tentar levantar questões relacionadas à sua própria condição de jovem, como os dramas, os riscos e desvios. São situações que contribuem para a caracterização do protótipo de um jovem ora como vítima, ora como produtor de gravíssimos problemas sociais. De outro modo, é possível encontrar altos índices de envolvimento de jovens com drogas, crimes, roubos, consumismo e tudo o que torne a juventude refém de um modelo de sociedade fundado na desigualdade.

Encontramos também reflexões afirmando que os jovens, de hoje, se apresentam como a negação da essência juvenil, concebida como rebeldia, se comparados com as gerações anteriores dos anos 60 e 70, mais especificamente com o movimento estudantil. Essas gerações são lembradas miticamente, como se em sua totalidade tivessem se envolvido nas mobilizações por mudanças na ordem política nacional.

Todavia, não podemos deixar de lembrar que o comportamento do jovem dos anos 60 e 70, por estar inserido num ambiente com fortes sentimentos

libertários, apresentava um comportamento reformador e a participação era vista como meio de mudança na estrutura do sistema. Já Keil (2004) observa que, para o jovem dos anos 90, o contexto é marcado pela presença do capitalismo globalizado, num ambiente democrático. Daí, esse jovem apresentar um comportamento consumista, e ver a participação política de forma desinteressada. Porém, é possível também observamos uma propensão da juventude brasileira dos anos 90 em realizar atividades voluntárias e desvinculadas de partidos políticos. Com efeito, tem-se a impressão de que os jovens de hoje parecem estar no pólo oposto do compromisso político e da postura rebelde e revolucionária.

Entretanto, segundo Abramo (2000), em meados da década de 80, novas questões redefiniram a condição dos jovens. Isso ocorreu devido ao surgimento de novos espaços de vivência juvenil, como lugares de diversão e fruição cultural, nos mais diversos níveis correspondentes às diferentes faixas de poder aquisitivo, inclusive a rua, alterando a condição vista sob o aspecto de preparação para uma vida futura. Evidenciam-se, nesse período, as culturas juvenis das periferias urbanas, abrangendo desde *os punks*, no final dos anos 70, até os grupos de *hip-hop* em São Paulo, Brasília e outras metrópoles, e mesmo o *reggae*, no Maranhão, entre outros.

A respeito desse novo fenômeno, envolvendo a juventude brasileira, a socióloga Helena Wendel Abramo faz a seguinte observação:

esses diferentes grupos juvenis, marcados por diferenças sociais, econômicas, culturais, étnicas, regionais, etc, mostram que existem inúmeras questões que os jovens de hoje enfrentam, que não são idênticas às questões colocadas pela condição estudantil, e que são também diferentes das questões vividas pelas crianças, assim como pelas dos adultos. (ABRAMO, 2000, p.16)

Questões como quem fala pelos jovens no espaço da política institucionalizada ou quem tem reivindicado políticas públicas de promoção da juventude reforçam a idéia de uma invisibilidade dos jovens no que tange à participação política, e uma visibilidade na mídia, seja como protagonista de uma nova juventude ou como alvo de consumo. O que se observa de órgãos públicos ou de ONGs que trabalham com a juventude são medidas paliativas, isto é, a

política adotada tem como características ações de caráter de correção emergencial, desarticulado e descontínuo, com baixa eficácia.

E, então, como se encontram e onde estão os jovens atuando politicamente? Podemos encontrar, no Brasil, inúmeras e variadas formas de grupos juvenis e organizações expressas através das Pastorais da Juventude, de grupos de convivência que se articulam em torno da cultura, como *rock*, *hip-hop* e *reggae*, do meio ambiente, da sexualidade e prevenção de DST, de esportes, como skatistas, ciclistas, times de futebol, entre outros.

Sendo assim, de antemão, compartilhamos da seguinte análise:

não há, portanto, apatia e desmobilização entre os jovens. O que há é um grande número de atores coletivos juvenis, muito diferentes entre si, quanto ao setor social de que se originam, aos temas de que tratam, à forma de se organizar, o tipo de atuação, o caráter mais explícito ou implicitamente político, o tamanho e quantidade de seus integrantes, a pretensão de representatividade, a formalidade ou informalidade de suas estruturas. Mas todos eles com questões, reivindicações, propostas para transformar a vida dos jovens e a do próprio país (ABRAMO, 2000, p.16).

No que tange ao estilo próprio do jovem como existência, é possível contrastar estilos de vida peculiares aos jovens com aqueles da maturidade, vivenciados pelos adultos. Enquanto as características juvenis referem-se principalmente a essa capacidade de vivenciar e dar origem ao novo, a condição social de adulto caracteriza-se pela independência econômica e emocional, e pela legitimação da atividade sexual, manifesta pelo casamento e pelo direito de estabelecer família.

Assim, num contexto diverso daquele em que Foracchi (1965) sustentou a idéia de a juventude forjar um estilo próprio de existência, seu registro pode ser utilizado de outra forma, para pensar o momento contemporâneo. Na sociedade atual, em que a longevidade torna-se uma marca fundamental, o que possibilita a coexistência de várias gerações, "o envelhecimento postergado transform[ou] o jovem, de promessa de futuro que era, em modelo cultural do presente" (PERALVA, 1997, p. 230). Em outros termos:

[...] A imagem da juventude [passou a] representa[r] o ideal de todas as idades. As pessoas desejariam permanecer jovens e conservar os atributos da juventude: a beleza do corpo, a vivacidade do espírito, a

liberdade de escolha na ocupação do tempo, a capacidade de renovar-se constantemente [...] Em virtude disso, a idade adulta perdeu seu poder de sedução e não mais constitui a norma a atingir (GAUTHIER, apud AUGUSTO, 2005, p. 24).

Portanto, ser jovem passou a ser um imperativo categórico para cada geração (FINKIELKRAUT, apud AUGUSTO, 2005, p. 130). Em virtude disso, a ansiedade em relação à "como permanecer jovem" se estende para muito além das idades consideradas juvenis, tendo se tornado um objetivo aspirado por muitas pessoas e cuja busca é incessante.

De qualquer modo, o que observamos atualmente é que os mais jovens parecem desinteressados de incorporar à sua vida o trajeto percorrido e o legado das gerações anteriores. Ao mesmo tempo, os mecanismos sociais capazes de vincular a experiência pessoal dos que agora são jovens àquela que sustentava a conduta e as maneiras de ver o mundo das gerações que vieram antes já não podem ser facilmente ativados. Afinal, com as alterações significativas que ocorreram nos padrões de sociabilidade e nas formas de ser, essa experiência não tem validade para aqueles que estão no início de sua vida. Podemos perceber, então, que o tempo decorrido é realmente passado, não faz mais sentido para a vida atual.

Assim sendo, ser adulto, além de ter deixado de ser objetivo prioritário aspirado pelos mais jovens, nem sempre é valorizado positivamente. Na verdade, o que existe hoje é uma recusa generalizada ao "crescer" e ao "amadurecer", que adquiriram a conotação de "envelhecer" (AHMADI, apud AUGUSTO, 2005, p. 192). Supomos então, que não só privilegiar o presente (viver o *agora*) tornou-se característica comum a todas as faixas etárias, como também buscar a juventude extrapola os estratos juvenis, já que (quase) todos querem ser, manter-se ou parecer jovens².

Ao mesmo tempo, a juventude é considerada condição indispensável para que ocorra uma verdadeira experiência, o que promove clara inversão na

² Acerca da associação entre juventude e qualidade de vida, segue a análise de Carrano sobre a questão do modelo cultural dos grupos de terceira idade de mulheres: "Elas vestem, diária e obrigatoriamente camisetas com o nome do projeto: Sempre Jovem. [...] numa rápida observação, podemos apontar que, em grande medida, algumas propostas buscam reproduzir artificialmente um ambiente de juvenildade, chegando mesmo a mais crassa infantilidade. Não estamos condenando aqui a ludicidade dos idosos, uma vez que a consideramos um processo social que deve estar vivificado em todos os momentos da vida social. Criticamos sim, o fetiche da juventude em suas diferentes formas e conteúdos" (CARRANO, 2000, p. 22).

maneira como a questão era proposta anteriormente. A experiência parece ter deixado de significar conhecimento ancorado na sabedoria do saber fazer, acervo de uma vida que pode ser transmitido, para resumir-se à vivência sem lastros do momento.

Entretanto, como lembra Singly (apud AUGUSTO, 2005), tudo depende do significado atribuído à formulação "ser adulto". Se fizer referência à aptidão para assumir responsabilidades, é identificado por pessoas mais jovens e mais velhas como característica sua; porém, se denotar "um ser acabado que não tem mais nada a descobrir no mundo e, sobretudo, nele próprio" (SINGLY, apud AUGUSTO, 2005, p. 10), é igualmente rechaçado por ambas as categorias.

Parece interessante articular a ênfase no presente com as características manifestas pelas pessoas mais jovens. A juventude aparece como o futuro da sociedade, segundo valores e critérios das gerações que a precederam, as quais viveram suas próprias juventudes num tempo passado (o seu presente), que foi crucial para a definição de sua identidade. Para os jovens de agora, entretanto, é possível supor que esse passado – o "tempo" de seus pais e avós – pareça muito distante e se revista de pouco conteúdo valorativo e simbólico. Afinal, o sentimento de pertença, o enraizamento, que configura a participação em um destino comum, é distintamente vivenciado por diferentes gerações que compartilham acontecimentos e situações em um mesmo período de tempo. Para algumas formulações, os jovens percebem a vida cada vez menos "como uma janela aberta para o futuro; [antes, ela] fascina pela ilusão de um eterno presente" (FURTER, apud AUGUSTO, 2005, p. 15).

É dentro do processo de constantes mudanças socioeconômicas e culturais que percebemos um novo despontar nas discussões acerca da participação política da juventude, e o quanto ela é vulnerável a todas as metamorfoses sociais. Assim, neste trabalho, a juventude é retratada como categoria social e histórica, situadas num contexto de transição socioeconômicas, políticas ou culturais que marca o fim da infância e o início da vida adulta, ou seja, "há muitas maneiras de ser jovem e de viver a juventude e estas também se expressam em termos de classe social, raça/etnia, idade e gênero" (PRÁ, 2004, p.97).

Em outros termos, dizemos que novos elementos foram e estão sendo introduzidos nessa discussão. E isso tem sido provocado principalmente pelo

índice de crescimento da população juvenil e, sobretudo, a partir dos problemas surgidos aparentemente sem solução (por exemplo, a relação entre juventude e violência, tráfico de drogas, gangues, prostituição, neonazismo). Trata-se de um fenômeno que demonstra o quanto a nossa sociedade deve se ocupar dessa reflexão no sentido de situar e re-propor os espaços sociais e políticos da juventude.

Considerações Finais

Observamos que o termo juventude apresenta muitos significados, dependendo das diversas situações como: etnia, classe, gênero, e muitas vezes, a sociedade os apresentam de maneira depreciativa e contraditória, pois segundo Esteves (2005), os jovens são vistos:

De uma maneira dualista. Se, por um lado, são concebidos como o futuro das nações, também são vistos como irresponsáveis no presente [...]. De uma forma adultocrata, na medida em que existe uma relação assimétrica e tensa entre adultos e jovens [...]. De maneira maniqueísta, ou seja, ao mesmo tempo em que são considerados responsáveis pelo futuro, são percebidos como irresponsáveis no presente [...]. De forma culpabilizante. Criminaliza-se a figura do jovem, associando-o à ameaça social, à criminalidade, à "delinquência" (ESTEVES, 2005, p.34-35).

Neste sentido, há muito o que se fazer diante da maneira como os jovens são vistos, sendo necessário principalmente estar atentos a diversidade dos grupos juvenis e da forma como se expressam a sua juventude. Por isso, adotamos nesse trabalho o termo juventudes, uma corrente da Sociologia da Juventude, que se caracteriza por uma identidade cultural, não mais atrelada a uma condição biológica, mas no intuito de “reconhecer a existência de múltiplas culturas juvenis, formadas a partir de diferentes interesses e inserções na sociedade [...]” (ABRAMOVAY; ESTEVES, 2007, p.22).

Referências

ABRAMO, H. W. ; BRANCO, P. P. M. (Org.). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. Rio de Janeiro: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam; ESTEVES, Luiz Carlos. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos. (orgs) *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Coleção Educação para Todos. 1ªed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007., p.19-54.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

AUGUSTO, Maria H. Oliva. Retomada de um Legado: Marialice Foracchi e a Sociologia da Juventude. *Revista Tempo social*. São Paulo, vol. 17. n.2, nov/2005. (versão impressa).

CASTRO, Mary Garcia; VASCONCELOS, Augusto. Juventudes e Participação Política na Contemporaneidade: explorando dados e questionando interpretações. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos. (orgs) *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Coleção Educação para Todos. 1ªed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007, p.79-116.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. In: *Revista Brasileira de Educação*. n.24, p. 40-52, set/out/nov/dez, 2003.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil [et al]. *Estar no papel: cartas dos jovens do ensino médio*. Brasília: UNESCO, INEP/MEC, 2005. 139 p.

FORACCHI, M. M. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1965.

_____. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo, Livraria Pioneira, 1972.

KEIL, Ivete Manetzeder. Dos jovens jovens constetadores aos jovens de hoje. Uma nova forma de participação na pólis? In BAQUERO, Marcelo (org). *Democracia, Juventude e Capital Social no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2004. p. 17-48.

KERBAUY, Maria Teresa Miceli. Políticas De Juventude: Políticas Públicas Ou Políticas Governamentais? *Revista Estudos de Sociologia*, Araraquara, 18/19, 193-203, 2005.

MANNHEIM, Karl. Funções das gerações novas. In: PEREIRA, L.; FORACCHI, M. A. *Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação*. 3ªed. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1967, p.91-97.

PRÁ, Jussara Reis. (Res) socializar é Preciso. Aportes para uma releitura sobre gênero e juventude no Brasil. In: BAQUERO, Marcelo (org). *Democracia, Juventude e Capital Social no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2004. p. 79-119.

SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventudes e políticas públicas no Brasil. In: DÁVILA LÉON, Oscar (Org.). *Políticas públicas de juventud en América Latina: políticas locales*. Viña del Mar: CIPDA, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a03>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

VENTURI, Gustavo. Juventude, Política e Cultura. *Revista Teoria e Debate*. Fundação Perseu Abramo, n. 45, jul/ago/set/ 2000. (versão impressa)